

^.^ MANIFESTO FELINO¹ ^.^ - O (PÓS)HUMANO QUE LOGO SOU: OBSERVATÓRIO FURIOS@ DE UM GATO-GAROTA²

 ELISA MARIANA DE MEDEIROS NÓBREGA

 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.265>

“Falar sobre um animal ou assumir sua persona seria, neste caso, um gesto de espelhamento, de identificação com ele. Em outras palavras, o exercício da animalidade que nos habita.”

(Maria Esther Maciel)



inda sou uma gato-garota adolescente e me chamam de Nihal Antônio de Medeiros Nóbrega, segundo as normatizações criadas por eles no sentido de domesticar meu tempo e minha pessoa. Domesticar, isso que combato durante toda a minha vida, no meu devir-felino. Vejo meus companheiros, clicados freneticamente em frente às máquinas de conectar, por isso demorei a me deixar capturar e assim poder miar tudo isso. Não sou afeito a teclados, telas, ou qualquer coisa que o valha. Minha morada é onde residem os livros, velhos, novos, empilhados, enfileirados, amontoados, feito ninho, feito berço, feito trampolim, onde possa me enroscar, afiar minhas garras, fazer minhas escolhas.

A humana-zumbi que me alimenta cotidianamente, além de me afogar de abra-

¹ Apêndice retirado da obra *Porque eu sou Queer e toda gata*.

² Esse manifesto é uma experimentação da linguagem que intenciona, a partir de uma língua de gato, cuja singularidade é a aspereza e delicadeza de sua composição, tratar dos devires que perpassam a produção de nossa subjetividade, flertando, particularmente, com os embates epistemológicos que pleiteiam a noção de vivência em contraste com a de ontologia da metafísica ocidental. Assim, os conceitos estarão diluídos na narrativa-gato, se apropriando de uma outridade animal radical que, além de desejar burlar a gramática humana, brincando com ela, testando trocadilhos, também se atalharando com referências da erudição, quando assim se fizer necessário, que aparecerão lambidas ou em notas de rodapé, em deferência aos leitores que ainda não foram capturados pelo que de felino nos habita.

ços, me ensinou a segurar os lápis por entre as patas e meus dentes, para criar uma linguagem escriturística, que nem sempre deixo ser entendida, permitindo que meus traços se inspirem por uma coisa abstrata qualquer. Não quero ser devorado, tampouco decifrado, seleciono, delicado ou furiosamente, aquilo a ser enunciado. Isso, em grande medida, aprendi com a labradora que morava no meu território, quando um dia, seu dia de furios@, entrou na biblioteca e devorou o livro **A linguagem secreta dos animais** (não me cobrem a autoria, ela foi deglutida pela labradora, já deve ser planta). Foi o único livro rasgado, comido, canibalizado¹ por Mafalda, era o nome dela, por entre dozes anos no calendário humano judaico-cristão. Teve uma gata, que também anteviu a minha existência naquela casa-espaco que brincava com as tecnologias escriturísticas humanas, se propondo além de ler, a escrever textos ambíguos, em sua hibridez, quase como se intencionasse sujar a linguagem humana.² Seu

¹ Ver CASTRO, Eduardo Viveiros de Castro. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

² Ver texto de Daenerys: Eu sou queer! E muito gata!

Batizaram-me como a Rainha dos Dragões, uma tal de Daenerys, nome de batismo, nem homem, nem mulher, *qualquer* cousa. Não quis fazer feio, vim de longe, pega no bueiro de uma rua, dessas que todo mundo passa ao longe, como a torcer o nariz, sou gata, sou bueira, sou do lixo, sou descentrada. Mas tinha o rabo farto. Foi meu rabo que me salvou. Ele era peludo. Diziam até, - ei, você se passa, se passa igual a uma persa.

Eu nem sabia o que(er) era isso. Mas meu rabo me salvou. A mãe da minha mãe que já era minha avó me chamava de Rabuda por mais protestos que eu pudesse ouvir por aí. Mas confesso, não sei como lidar com meu rabo. Sei que ele é emaranhado, desses que tem fios em nós. Farto, totalmente farto. Como um aviso, nem gosto que me apalpem. Fico irritada, o rabo é meu.

Não sou Aristogata, mas não como ração qualquer. Gosto de me saciar com aquela que diz que é *gold*, alimento de alta qualidade, como a desafiar o destino que meu Deus me deu. E eu posso, porque tenho o rabo e os olhos de gata, desses amarelos, como quem já nasceu com a maquiagem perfeita. *Soul gata*.

Um dia, no boteco, cismando com aquela baratinha que passou, meio de lado, já rebolando, a vi, aquela Preá, gostosa que só ela, feito rata, mascarada, tão carne. E eu salivei como salivava aquele povo, esqualido de poesia, abastado de batata Mac, pensando: vou comer porque tenho a fúria do fogo, tenho rabo e meu corpo, em movimento, pode ser poesia.

nome era Daenerys, nome tomado de empréstimo de uma narrativa-sucesso chamada **As crônicas de gelo e fogo**, mais conhecida pelo seu primeiro volume, **Guerra dos tronos**³, de uma série que ainda está a render livros, leitores e capital. As formas de nomear a nós, bichos-gatos, parece ser uma problemática. Não que o nome com que nos classifiquem seja aquele com que nós nos identificamos. Mas isso é segredo. Não me peçam para desvelar o nosso universo. Existe um código ético a partir do qual escrevo.

Em janeiro de 1905, um outro [^]corpo-gato⁴ teve essa ideia, de fazer valer sua vida como matéria de escrita. O gato se tornou narrador e protagonista da série **Hototogisu**, cuja reunião de todos os textos foi assinado na autoria de Natsume Soseki, nascido no Japão em 1867 com o nome Natsume Kinnosuke (sobrenome/nome), como assinala a nota dos editores do exemplar brasileiro **Eu sou um gato**⁵. Natsume, duas décadas depois, adota o nome Soseki, que traduzido do chinês significaria

Era o dia das mães e eu programei bem direitinho. Desovei o corpo dela, engoli quase tudo, deixei a moela e um pouco de sangue, esquecendo só o celofane.

Minha mãe chegou, não ficou feliz, não me fez gracejos, nem me disse nada.

No silêncio dela, pensei, como é difícil ser gata, bem que eu podia ser uma cachorra!!!

Ps. A - S - P - R - E - P - A - R - A - D - A - S! S - Ó - A - S - C - A - C - H - O - R - R - A - R

-A - A - S! Disponível em <http://lioutrodia.blogspot.com.br/2013/08/eu-sou-queer-e-muito-gata.html>.

³ Série literária de George Martin, até então composta de cinco volumes. Seu sucesso entre o universo dos leitores foi tal, que acreditamos ter sido o motivo de sua adaptação televisiva pelo canal HBO em 2011. MARTIN, George. **A guerra dos tronos**. São Paulo: LeYa, 2010.

⁴ A acentuação [^], seguida de palavras ou não, e fechada com outra [^], que possam vir a estar presente em momentos específicos desse manifesto, é só para lembrar das minhas ouças de gato. Assim, minhas orelhas substituem ao mesmo tempo as aspas, quando for necessária uma suspeição das palavras, como também assinalam a potência de minha animalidade. [^].

⁵ O uso da máquina literária, compreendida em sua conceitualização mais ampla, por ser narrativização das coisas ordinárias, tem a intenção de zumbificar a economia escriturística que por muito tempo os historiadores se ocuparam no seu desejo de fazerem da história um saber científico e, por isso, neutro e imparcial. SOSEKI, Natsume. **Eu sou um gato**. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

^estorvo^ e-ou ^incômodo^. Poderiam questionar ao meu devir-gato o porquê de tantas datas. Talvez eu explique no deslanchar desse texto. O que me importa agora é o exercício do meu companheiro, também ele gato, a criar essa narrativa que, através da aspereza de sua língua, nos fala de sua história e de seu humano, a quem chama de ^amo^ (Seria ele um senhor? Um senhorio? Um proprietário? Um chefe? Um dominador? Um ^.^?). Que o ecoar longínquo de seu miado também ressoe aqui:

Eu sou um gato. Ainda não tenho nome.

Não faço a mínima idéia de onde nasci. Guardo apenas a lembrança de um miar num local completamente sombrio, úmido e pegajoso. Deparei-me nesse lugar pela primeira vez com aquilo a que comumente se denomina criatura humana. Mais tarde, descobri que era um estudante-pensionista, a espécie considerada mais malévola entre todas essas criaturas. Contam que por vezes esses humanos denominados estudantes nos agarram à força para nos comer fritos. Na época, ignorando esse fato, não me senti intimidado. Experimentei apenas uma agradável sensação quando o humano me soergueu com gentileza, pondo-me sobre a palma da mão. Aconchegado nela, pela primeira vez na vida encarei o rosto de um desses seres. Preservo até hoje na memória a impressão desagradável daquele momento. Em primeiro lugar, o rosto, que deveria estar coberto de pelos, revelava a lisura de uma lata de remédio. Em nenhum dos muitos de minha espécie

com os quais mais tarde me deparei observei essa horrenda deformação física. Não apenas isso: bem no meio da face se destacava uma protuberância, de cujos orifícios saía fumaça, por vezes em profusão, que me sufocava e me debilitava. Só recentemente descobri provir essa fumaça de algo que os humanos costumam fumar e a que denominam cigarro. (SOSEKI, 2008, p. 11)¹

Esse mesmo humano horrendo o deixa ao relento, todo ele desaparecido, assim como os muitos de si, seus muitos irmãos e sua mãe, que antes se reuniam ao seu redor, no redor de seu nascimento. Esse encontro infeliz, estranho, desagradável, o fez se arrastar floresta adentro até que avizinha um buraco numa cerca de bambu. Passado o buraco ^Lutava contra o tempo: logo anoiteceria, estava esfomeado, esfriava e não demoraria a chover^ (SOSEKI, 2008, p. 12). Do buraco da cerca de bambu, meu companheiro adentra uma casa, quando se depara com outras criaturas humanas:

A primeira dessas criaturas foi Osan, cuja crueldade superava a da estudante. Logo que pôs os olhos em mim me agarrou de súbito pelo cangote e me atirou para fora da casa. Imaginei estar perdido e, de olhos cerrados, decidi entregar minha sorte à providência divina (SOSEKI, 2008, p. 13).

Mas esse gatinho, de quem já me

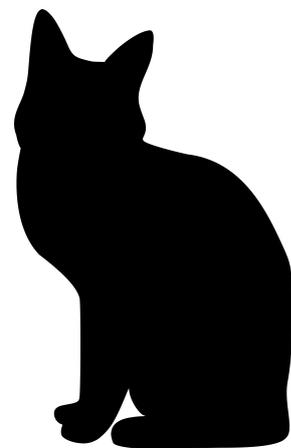
¹ Os textos citados respeitaram a grafia de época. Também não sou muito afeito ao normativo da gramática. Como diz o humano Luis Fernando Veríssimo, ^a gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda^. In: VERÍSSIMO, Luis Fernandes *O gíglô das palavras*. São Paulo: LP&M, 1982.

subscrevo como fã, era tenaz. E mesmo em meio a interdição, persistiu na sua fincada. Entrava e era posto para fora. Entrava novamente e novamente era posto para fora: ^Lembro-me que bastava ser jogado para fora para eu voltar, e bastava voltar para ser jogado fora de novo, quatro, cinco vezes, repetidamente^ (SOSEKI, 2008, p. 13). É dessa matéria subjetiva que nós gatos somos feitos, somos autônomos em nossa resistência. Investimos em nossos volteios e temos memória, embora alguns humanos não aceitem/acreditem na nossa faculdade mnemônica¹. O exercício da memória é máquina de guerra para a nossa ^zoopotência^, como potência da vida felina e de outras espécies em seu devir-animal. Já fomos cantados, declamados, capturados, exilados, mas como diz a música que bem recordo e com quem crio laço de identificação subjetiva: ^só o gato que é gaiato cai de pé^.²

E o gato - que ainda não tinha nome, mas tinha um ^amo^ -, que tanto me inspirou, além de sua memória, transformada em narrativa, tinha uma outra faceta que me chamou atenção, da mesma forma que os cantos dos pás-

saros (confesso, que o canto de um pássaro, quando solto estou nos meus quintais, tem o poder, quase fantasmagórico, de me paralisar por inteiro, não sei se pela minha vontade de ter asas e com eles voar ou de comê-los pelas orelhas). Lendo sobre Osan, ^aquela cruel^, que se ocupava a botar o gato porta afora e que o incitou, no começo de sua história, pois não trataremos de origem³, a exercer o princípio de sua resistência, numa das vezes que se viu expulso, volta e rouba um peixe agulhão. Desse roubo, uma algazarra, quando finalmente aquele que o gato nomeou (apesar de nunca ter sido nomeado) de ^amo^ aparece na narrativa dizendo, ^Deixe-o entrar^, depois de indagar o porquê de tanto estardalhaço. Acredito que nesse momento, o gato se fez pessoa: ^Decepcionada, a criada me atirou para dentro da cozinha. E foi assim que decidi morar nessa casa^ (SOSEKI, 2008, p. 13)

O ^amo^ que nunca se dignava a encará-lo, pois se ocupava, naquela enormidade de casa, de um gabinete, era um professor, desses zelosos em exhibir seu apego aos estudos, apesar do gato



1 O poeta Ferreira Gullar, em texto publicado na Folha de São Paulo, fala de sua vivência com uma gatinha siamesa, depois de um longo período sem conviver com os bichanos, pois tinha um que morreu de velho e o deixou traumatizado. Contudo, ganha de presente da cantora Adriana Calcanhotto um filhote e, refletindo sobre sua relação com a gatinha e o seu antigo gato, já morto, produz uma textualidade que defende um estado de felicidade para os gatos em função da destituição das (faculdades) memórias. Os gatos, segundo Gullar, seriam mais felizes por não terem a consciência do tempo, principalmente, do tempo trágico da vida: a morte. Não sei se temos linguagem para defender isso. Contudo, essa é apenas mais uma possibilidade. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2014/03/1422049-quisera-ser-um-gato.shtml>

2 Música interpretada pela cantora Zizi Possi no álbum *Sobre todas as coisas* (1991). Essa música é da autoria dos irmãos Paulo e Jean Garfunkel.

3 Para dizer da diferença entre origem e começo, ver a crítica que Marc Block estabelece contra a chamada história tradicional (Escola Metódica), quando propõe uma história problema, ao metaforicamente pontuar que não se pode compreender a tarde, perscrutando a manhã, no que chama de mito de origem, associando essa crítica a historiografia que se constituiu numa relação de tempo linear e progressiva. Ver BLOCK, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.



denunciar ^que ele não é tão diligente como o julgam os habitantes desse lar^ (SOSEKI, 2008, p.13). Em seu devir-espião, o gato nos fala da dinâmica do professor, quando de fininho entrava em seu gabinete e ficava a observar sua rotina: o professor tinha uma tez frágil, amarelada, inelástica e destituída de viço, apesar de ser um glutão e um contumaz bebedor de Taka-díastase, para logo em seguida abrir livros quando, na segunda ou terceira páginas, caia no sono, sem deixar de babar sobre si.

Mesmo sendo um gato, há momentos em que pondero sobre as coisas. Não há nada mais simples que a vida de um professor. Pudessem eu renascer na forma humana, desejaria ser um mestre. Se é possível dormir tanto nessa profissão, é sinal de que até mesmo um gato pode exercê-la. Apesar disso, meu amo diz que não há profissão mais árdua do que a de um docente, e costuma se queixar dela a todos os amigos que o visitam. (SOSEKI, 2008, p.14)

Esse gato associa sua ausência de nome, assim como os pisoteamentos que cotidianamente sofria, a atribuição do pouco valor que lhe era ofertado. As crianças que habitavam na casa, crivavam suas ancas de fortes pancadas, sendo molestado das mais diversas formas: sacos na sua cabeça, atirado para todos os lados, enfiado no forno da casa, entre outras coisas, no que conclui que as crianças são seres egoístas e particularmente abomináveis que

^Pouco se importam se morro de frio entre as tábuas da cozinha^.

Apesar de ser um sem nome, o gato conhece outros de sua espécie, com quem dialoga, chamando-lhes pelo nome próprio, para ^ponderar^ sobre esses outros com quem divide a sua casa:

Shiro, a gata branca que mora na casa do outro lado da rua e por quem sinto profundamente respeito, comenta sempre que não há nesse mundo criatura mais impiedosa do que o ser humano. Pouco tempo atrás, Shiro deu a luz a quatro gatinhos, verdadeiros pompons. Porém, mal se passaram três dias, o estudante da casa afogou os filhotes no lago atrás da propriedade. Shiro me contou entre lágrimas, para os de nossa espécie poderem expressar seu amor filial e manterem uma vida familiar decente, urge lutar contra os humanos até levá-los a completa extinção. Julgo ser uma argumentação válida. (SOSEKI, 2008, p. 15)

Um outro conhecido seu era Mike, também vizinho, que parecia, através de sua indignação, conclamar a luta:

Mike, da casa vizinha, diz, imbuído de enorme indignação, que os humanos não entendem o significado de direito de propriedade. Em nossa espécie, aquele que encontra primeiro uma cabeça de sardinha ou tripas de sargo têm o direito de comê-las. É permitido o uso da força bruta contra os que infringem essa lei. Contudo, aparentemente inexistente entre os humanos essa noção, e as iguarias que encontramos acabam todas por



eles confiscadas. (SOSEKI, 2008, p. 15)

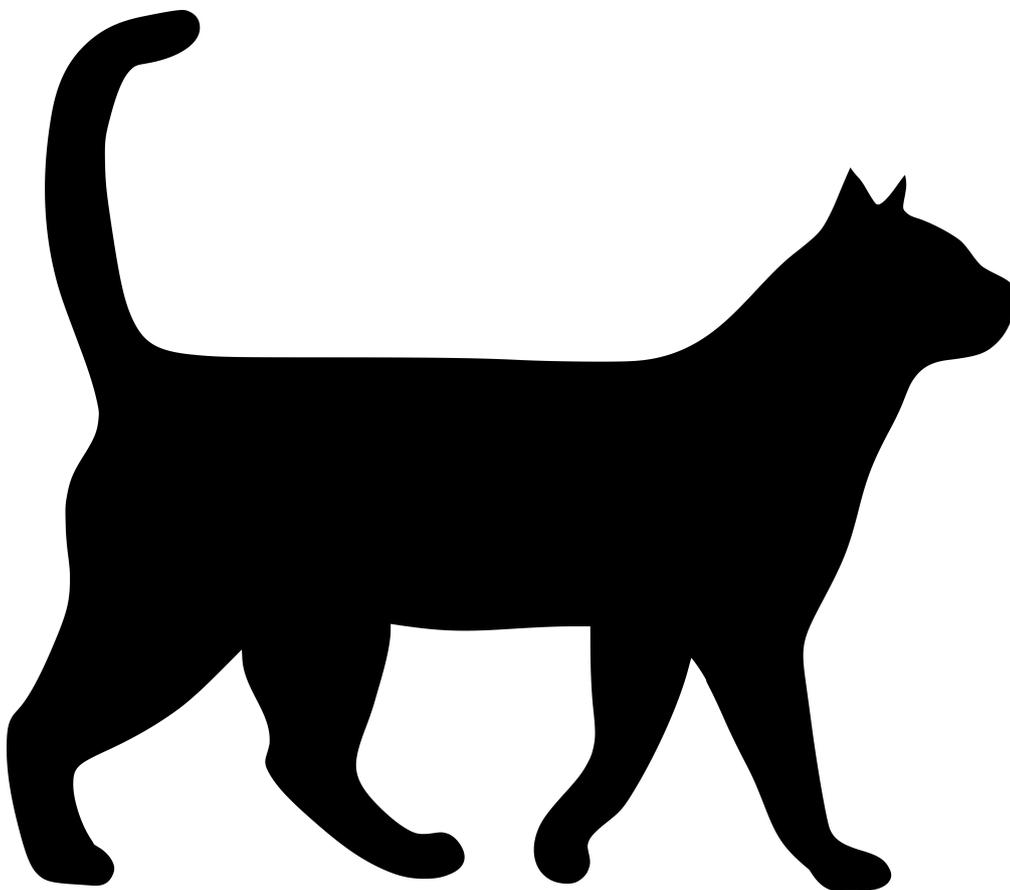
É no contato com os outros de si que o gato vai se reconhecendo como gato. Seja compartilhando a dor de Shiro e chorando junto com ela, seja também se indignando com Mike, quando este tem seus ratos confiscados (o governo japonês pagava por cabeça de ratos a qualquer humano que, nessa historicidade, levassem roedores a alguma instituição pública). Apesar do gato dizer que sua vida é de total tranquilidade, talvez por morar com um professor, ainda se posiciona: ^Os humanos, por mais humanos que sejam, não prosperarão para sempre. Esperemos pois o advento da era dos felinos^. (SOSEKI,

2008, p.15-6). Entre a experiência dos gatos-seres, esse querer estar-fora da antropologização do humano, a narrativa-felina se constitui enquanto um estar-dentro, do gato e de mim gato-garota-Nihal, numa convergência, feito abraço afetado, dois gatos em devir, estando dentro e fora, simultaneamente, pois é assim a vida em espécie. Convivência e convergência, dentro e fora, em tempos de simultaneidade.

Seria chegado esse tempo?! Não sei, minha esperança é que sim. Assim como espero que esse texto seja lido e que eu possa cumprir com meu papel social de gato. Pois, eu, Nihal, ouvindo-lendo as máquinas jornalísticas sobre a atual crise econômica, política, de re-

presentatividade, etc, etc, etc, ainda acho que a crise maior daqueles que se dizem humanos seja a de se negarem a pensar/ponderar. Por isso, penso.

Penso que pensar, a partir das minhas patas e da língua, que ora (ou hora?) se ocupam em pescar os animais peçonhentos que me usam como morada-fá-





brica, trabalhando no meu couro-pelo como operários disciplinados, treinados no ritmo das britadeiras, a escavar, pondo larvas de outras espécies, no meu alinhado e garboso manto de pelúcias brancas e pretas, é, ensino de pronto, entrar no campo da indisciplina e da potência. Veja meu corpo, por exemplo, está gordo de química, amplificando o som das minhas mordidas matadas que, para ouvidos minúsculos e amaciados pela saliva com que molho minha abocanhada, aliviando, quem sabe, o ribombar da minha caça à presença normativa dos peçonhentos, incansáveis e insaciáveis em transformar minha vida em vida sugável, tomando meu corpo, no seu mundo, em vida nua, uma vida matável sem que com isso esteja implicado um homicídio¹, pois quando trago para dentro do meu corpo aquilo que seria da ordem do biopolítico, embaralho, com a voz do meu miado, a fala do homem-vivente, como a combater as máquinas binárias de captura entre a vida nua e a vida bio.

Minha animalidade quer instaurar um barulho na Língua, feita de voz, como uma zoo-bio-política (do) menor, introduzindo opacidade e indeterminação de sentidos. Quer desconfiar e rosnar, porque em mim também habita o devir-canino, bem como o devir-humano, esse que se ocupa da interpretação dos sentidos e das descrições densas² da

fala, pois só é possível acessar ao outro se o introduzo na minha própria corporeidade/subjetividade. O outro em mim, o outro do outro, nada além disso. As pulgas, pois, não me pertencem, nem as desejo. Não preciso de exercícios, britadeiras, furadeiras, sugadeiras, centrífugas a habitar minha pele-pelo.

Qual o sentido (?) desse meu ^manifesto felino^? Talvez, para os possíveis leitores ainda contaminados pelo dispositivo da humanidade, essa figuração de humano que foi fabricada historicamente para os outros de ^si^ e os outros de outras ^espécies^, seja mais didático, anunciar de pronto, através de um rosnado que está investido dos meus miados, que estou a convocar a todos para outras forças e afetos que desembaralhem o mito de origem fundador do humanismo, responsável, em grande medida, pela instauração de uma ruptura da animalidade e da biotecnologia que nos habita, ao investir numa discursividade que, ao refletir a ontologia ocidental, corrobora para a institucionalização de uma lógica binária (excluindo o quê de multidinário existe ente os muitos das espécies) do gênero e do corpo humano, para acusar o quanto essa história do sujeito-indivíduo HOMEM, feita de h maiúsculo, é arbitrária, artificial e lacunar, insuficiente, porque já é uma zona instável e histórica, para dar conta da emergência de tantos outros corpos em devir,

¹ Ver AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

² Ver GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

enjaulados, engaiolados, recalcados e aprisionados que estão nessa epopeia falo-androcêntrica. Por isso, [^]mio[^] e proponho que esse texto-manifesto se enuncie como território de contestação.

Pois, o que dirá dessa história, ainda sem a crítica do expert do contemporâneo¹, a ser escriturada pelas aparelhagens (de) estéticas, que em nome, vistos, dos globos oculares, como as empresas de mídia que assim se intitulam (O globo é tão mais amplo, a [^]gente[^] vê por aí), esgotam [^]verdades[^] sobre quais as vidas que merecem ser encarceradas/governadas e as [^]verdades[^] que escancaram, governantes de um Globo, ah terra nossa, que parece pertencer a eles, sendo deles a maciça/massiva concentração do arsenal discursivo fascista, que adentra lar adentro, que é cuspidor garganta afora, num cacoete fas-fas-fas-fas-cista. Entre o [^]fas-fas-...[^] e o produto feito, cisco a terra, em [^]garras[^], para ali plantar meus dejetos, cujo processo é adubo para outras espécies, essa que todo dia as cheiro no meu devir-Ferdinando (o touro animado da Disney² que nasceu para pajear as flores e foi forçado a ser-tourada, antes de sua resistência final, quando volta ao seu campo flori-

do), deixando nos talos de seus corpos, um tanto de afeto e um pouco de cheiro, cheiro ela, ela me cheira, para que aquilo que extraio/compartilho do meu corpo não conflua feito onda para as redes esgotos da [^]vida humana[^], que faz das suas empresas de comunicação essa maquinaria de fazer notícias com seu próprio dejetos.

Portanto, aqui anuncio as superfícies que, na minha atual historicidade, são rede a embalar meu corpo. Passeando por entre as prateleiras da biblioteca, que ultimamente só é ocupada por mim, me deparei com dois livros que me fizeram pensar-problematizar meu lugar de sujeito-gato. E desses livros, que vou fazer uma síntese-seleção para meus possíveis leitores³, começo a demarcar os lugares de onde mio.

Maria Esther Maciel, apesar do tom um tanto quando condescendente com os da minha manada, conseguiu conquistar-me de pronto. Já nas primeiras linhas lidas, quando afirma que os animais são signos vivos, Maciel consegue ir construindo uma narrativa que parece tomar de assalto os desacostumados por um devir-bicho, propondo uma escritura que capitaliza uma [^]alteridade radical[^] e por isso destaco, como a

1 Ver BÉDARIDA, François. "As responsabilidades do Historiador expert". In: J. BOUTIER; D. JULIA (orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ - Ed. FGV, 1998.

2 Apesar de incorporar outra máquina que produz imagens-merda ao biopolitizar a vida d@s menino@s, uma potência se inaugura nessa narrativa do touro-Ferdinando. Ver Ferdinando, o touro. Desenho animado produzido em 1938 pela *Walt Disney Company*, que adaptou o romance de Munro Leaf (1936). Seu sucesso como curta-metragem lhe rendeu o Oscar na categoria em 1939.

3 Espero que a intrusa que veio ocupar meus territórios, logo que alfabetizada possa também ler esse texto. Seu nome, resolvi batizar de logo, para que não sofresse com a ausência do gato de Natsume. Não por acaso, também o escolhi a partir de uma outra leitura do filósofo italiano Agamben, quando ao falar sobre a biopolítica, traz para a contemporaneidade duas figuras filosóficas da antiguidade clássica: Zoé e Bios. O nome escolhido, portanto, foi Zoé, sem o agudo, para que quando gritarem por ela, não destruam meus tímpanos. O trema vem do meu desejo de desafiar a língua e de melhor propor um nome mais melódico. Dito isso, ainda não a aceito nos meus territórios. Os humanos falam que com duas semanas a aceitei, mas eles não sabem da potência da minha resistência. Na perspectiva do filósofo, Zoé significaria a vida enquanto Bios, a vida que é capturada pelos dispositivos políticos do Estado.



estabelecer uma aliança com essa humana, visto que defendo estarmos todos contagiados:

Radicalmente outros, mas também nossos semelhantes, próximos de nós, eles nos fascinam ao mesmo tempo que nos assombram e desafiam nossa razão. Temidos, subjugados, amados, marginalizados, admirados, confinados, comidos, torturados, classificados, humanizados, eles não se deixam, paradoxalmente, capturar em sua alteridade radical. (MACIEL, 2016, p. 13).

Postulando a questão do que seria ser homem ou animal a partir de um deglutir a ciência e a filosofia, a autora estabelece uma crítica aos critérios, historicamente constituídos, em torno da racionalidade e da máquina antropológica do humanismo, abrindo brechas nesse sistema de pensamento para outras possíveis respostas que podem ser encontradas no campo do imaginário e nos espaços alternativos do conhecer humano, a saber: a literatura. Assim, a palavra animal ganharia outras matrizes.

Confesso que gosto mais da divisão, já que adentrei no campo dos eruditos, daqueles que se ocupam com a crítica, da indistinção proposta por Deleuze no seu devir Espinosa, quando suspendem a noção de humano ou animal para a de espécies, meio que convergindo todos para um mesmo lugar a partir da instalação de um plano modal, feita de imanência, que investe na noção de modo

de vida, de uma maneira de viver: ^uma única substância para todos os atributos^ - o primeiro princípio de Espinosa.

Mas conhecemos também o terceiro, o quarto ou o quinto princípio de Espinosa: uma única Natureza para todos os corpos, uma única Natureza para todos os indivíduos, uma Natureza que é ela própria um indivíduo variando de uma infinidade de maneiras. Não é mais a afirmação de uma substância única, é a exposição de um *plano comum de imanência* em que estão todos os corpos, todas as almas, todos os indivíduos. (DELEUZE, 2002, p. 127).

Dito isso e depois de ter limpado os bigodes do leite que furtei da filhota-Zoë que veio habitar meus territórios, me sinto à vontade para dar continuidade ao uso das minhas leituras de Maria Esther Maciel. Essa, fazendo uso do termo zooliteratura, que demarcaria um campo de estudos das diferentes práticas literárias que se voltam para os animais, para azunhar o termo bestiário, que foi forjado, também historicamente, há séculos atrás (e dizem que não lido com o tempo, seja ele histórico ou memorialístico), no projeto de inscrição de uma pretensa humanidade, ordenadora, classificadora, que instituiu uma catalogação das espécies, sejam elas de bichos reais ou imaginários, demarcando-as como bestas. As bestas ou o bestiário composto por elas, Maciel implode ao denunciar, utilizando Evando Nascimento, mostrando que

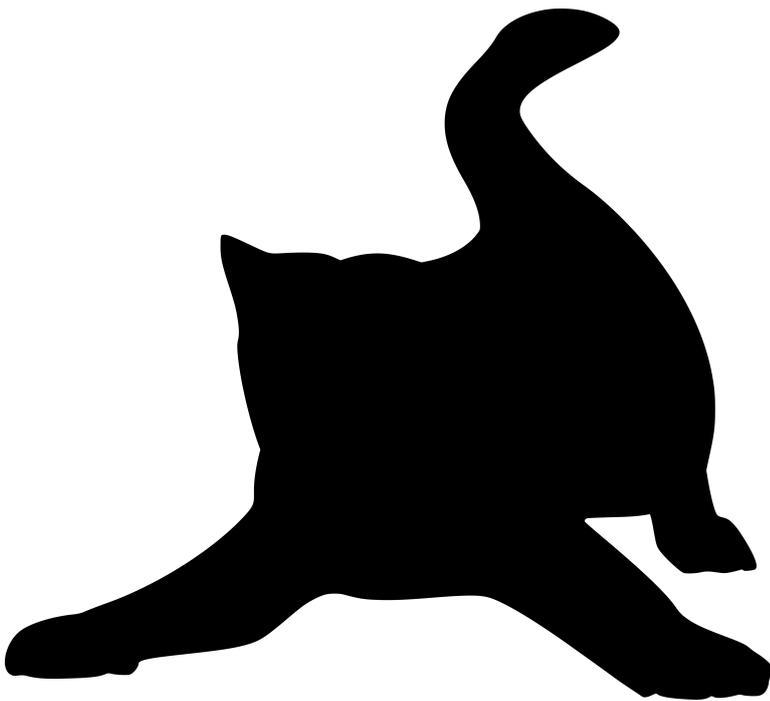
esse termo representaria o ponto alto da predação natural, o limite próprio da desnatura ou do desnaturamento que, ao reforçar sua dimensão negativa, marcaria sua exclusão dos chamados seres racionais. Essa cisão entre humanidade e animalidade, pois, estaria sendo forjada ao longo dos séculos no mundo ocidental, apresentando seu ponto nodal na modernidade a partir do século XVIII, com o triunfo do cartesianismo. Eu, como um gato-garota que sou, não poderia também deixar de enfatizar que, em grande medida, fomos nós, gatos, um dos mais bestializados, no período que os humanos nomearam de Idade Média (e também na Idade Moderna, quiçá até hoje) como instrumentos de um feminino ameaçador: as bruxas. Dos livros secretos que não foram feitos para serem lidos, só para

lembrar de Ítalo Calvino, muito do que nós-gatos escrevemos dão conta dessa hedionda perseguição. Livros esses que ainda fedem-rescendem à fumaça-fogueira. Desconfio, inclusive, que isso tem uma correspondência com o que, hoje, ordinariamente se nomeia de espetinho de gato (escrevo esse termo já como denúncia dessa prática).

Por muito tempo, diz Maciel, fomos associados como o lugar de todos os perigos. Para isso, essa autora nos lembra de quando Michel Foucault trata da animalidade em vigília, mostrando que os seres humanos utilizaram muitos animais como construções imagéticas da relação imaginária do homem com o mal, responsáveis pela proliferação dos seres híbridos e das metamorfoses diabólicas na literatura e nas artes, a exemplo dos vampiros, lobisomens e outros seres fronteiros.

Curioso que a figura do monstruoso mais capitalizada na nossa contemporaneidade, os zumbis, não tenham essa relação híbrida com outros animais, mas com a animalidade que é própria dos homens, quando se desapropriam do cogito cartesiano e se lançam a deglutir o mundo, numa fome voraz e infundável.

Maria Esther Maciel (estão vendo como os nomes são importantes?) argumenta que na





nossa historicidade estão emergindo novos enfoques na relação com a animalidade, ao mostrar que as relações culturais entre os humanos e os não humanos são reconfiguradas para fora da [^]circunscrição antropocêntrica[^], produzindo novas formas de conceber o animal e a animalidade, especialmente na literatura, cujo marco seria **A metamorfose** (1915), novela escrita por Franz Kafka, estabelecendo uma linguagem literária voltada para os processos de identificação/entrecruzamento do humano e não humano. Assim, Maciel questiona: seriam esses novos processos capazes de desestabilizar as bases do humanismo antropocêntrico?, pois Gregor Samsa, na sua condição híbrida de humano e de inseto, numa perspectiva paradoxal, se torna inseto, sem deixar de se manter humano, enquanto n-devir que o habita.

Fronteiras essas que demandam, mais do que nunca, uma abordagem pautada no paradoxo, visto que, ao mesmo tempo que são e devem ser mantidas – graças as inegáveis diferenças que distinguem os animais humanos dos não humanos – é impossível que o sejam mantidos de modo idêntico, já que os humanos precisam se reconhecer animais para se tornarem humanos. (MACIEL, 2016, p. 19).

Teríamos o registro poético como compreensão da [^]alteridade radical[^] que os animais interpelariam aos humanos, demarcando o trespassamento

das fronteiras entre o humano e não humano, através da convivência interespécies (Espinosa aqui de novo), incorporando uma animalidade que desafia os limites da razão humana e dos dogmas científicos (esses também tão produzidos na literatura, especialmente, a policial do fim do século XIX e início do XX, com as empresas do corte de Jack, o estripador, o Frankstein de Mary Shelley e as lupas do Mr Holmes e seu fiel companheiro médico). Essa [^]alteridade radical[^], portanto, estaria sendo escriturada por muitos literatos que incitam e criam o debate da animalidade numa perspectiva ético-política a partir da proposta de uma zooliteratura ou zoopoética.

São escritores que incluem em suas obras diferentes categorias do mundo zooliteratura, como as das feras enjauladas nos zoológicos do mundo, dos bichos domésticos e rurais, dos cães de rua, dos animais classificados pela biologia, das cobaias e das espécies em extinção. E que privilegiam os **animais como sujeitos, seres dotados de inteligência, sensibilidade e sabedoria** sobre o mundo, como também exploram literariamente, e sob diversas perspectivas, as relações entre humanos e não humanos, humanidade e animalidade. (MACIEL, 2016, p. 23)¹

Esses termos zooliteratura e zoopoética são derivativos da obra de Jacques Derrida, **O animal que logo sou**, aula proferida em 1997, posteriormente pu-

¹ Grifos meus.

blicada (daí o acesso a que tem minhas garras e ao meu olhar, como logo será explicitado, meu olhar nu). Derrida inicia sua aula confiando que as palavras sejam nuas, palavras do coração, falando das presenças queridas ao mesmo tempo em que pede licença para falar de um ^instante^, ^um tempo mais antigo ainda^, ^um tempo antes do tempo^, para insinuar o seu ^instinto animal autobiográfico^, situando-os nas vivências dos Colóquios de Cerisy que ocorrem no Departamento de Somme, norte da França.

Se porventura um dia o animal que logo sou devesse escrever uma autobiografia (seja ela intelectual ou sentimento), deveria, mais e mais, nela nomear Cerisy, mais de uma vez e em mais de uma maneira – em seu renome de nome próprio e de metonímia. (DERRIDA, 2002, p. 13)

O que Derrida se prepara a dizer para se transportar dos ^fins dos homens, portanto, dos confins do homem, à 'passagem das fronteiras' entre o homem e o animal^ é para chegar ao próprio da animalidade: ^[...] ao animal em si, ao animal em mim e ao animal em falta de si-mesmo, a esse homem que Nietzsche dizia, aproximadamente, não sei exatamente onde, ser um animal ainda indeterminado, um animal em falta de-si-mesmo^ (DERRIDA, 2002, p. 14-15).

Usando Nietzsche, aquele da **Genealogia da Moral**, quando diz que o homem é um ^animal prometedo^,

Derrida arremata: ^A natureza ter-se-ia claro como tarefa criar, domesticar, 'disciplinar' esse animal de promessas^ (DERRIDA, 2002, p.15), quando há muito, muito, como o filósofo mesmo enfatiza, os humanos estariam em vias de se entregar à promessa desse animal em falta de si-mesmo.

Há muito tempo, pois.

Há muito tempo, pode-se dizer que o animal nos olha?

Que animal? O outro.

Freqüentemente me pergunto, para ver, quem sou eu - e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo.

Por que essa dificuldade? (DERRIDA, 2002, p. 15)

A dificuldade da qual Derrida confessa é a de estar nu. Um animal nu diante de outro animal, numa ^espécie de animal-estar^, porque eu, gato que sou, nem sempre mio quando vejo os outros de mim nus ou sinto mal-estar algum na minha pele-gato, pois não sou capturado e por isso procuro resistir contra toda essa maquinaria capital-pet que insiste em nos vestir, seja de panos, seja de coleiras, seja de guizos. Nada disso me pertence e nem desejo. Não me envergonho de anunciar, porque não posuo vergonhas, ela é dos ^próprios dos homens^, dessa ^vergonha de estarem nus como animais^.

Assim, nus sem o saber, os animais



não estariam, em verdade, nus. Eles não estariam nus porque eles são nus. Em princípio, excetuando-se o homem, nenhum animal jamais imaginou se vestir. O vestuário seria o próprio do homem, um dos “próprios” do homem. O “vestir-se” seria inseparável de todas as outras figuras do “próprio elo homem”, mesmo que se fale menos disso do que da palavra ou da razão, do logos, da história, do rir, do luto, da sepultura, do dom etc. (A lista dos “próprios do homem” forma sempre uma configuração, desde o primeiro instante. Por essa mesma razão, ela não se limita nunca a um só traço e não é nunca completa: estruturalmente, ela pode imantar um número não finito de outros conceitos, a começar pelo conceito de conceito). (DERRIDA, 2002, p. 17)

Autorizado agora por Derrida, como se eu o precisasse (a academia-erudição assinala que sim), reflito também sobre os ^próprios dos homens^, já investido do meu devir (pós)humano para trazer à tona a questão das vestes, quando nos ocupamos em investir em conceitos-pele, corpos-escrituras, pelo-imagem, que não seria próprio dos gatos se gato como sou não estivesse também contaminado por essa relação de ^alteridade radical^ ou de ^outridade animal^ da qual fala Gabriel Giorgi, em **Formas comuns**: animalidade, literatura e biopolítica (2016), numa ginástica do pensar que, ao associar esses elementos, mostra como o texto literário, entre outros, produz um comum

não humanista^, que em potência e na dimensão de viventes, torna os animais pessoas.

A natureza se povoa integralmente com os signos da economia e da tecnologia; sua exterioridade se torna recurso e valor – e é sobre esse fundo que a ficção reinscreve o animal como potência e indisciplina que se interiorizam e se difundem do interior dos corpos, dos territórios e das sociedades. Esse animal virtual, espectral, fora de tempo e sem lugar se transformará numa regra persistente dos modos como se fará visível o animal na cultura – e dali numa regra da visibilidade dos corpos em geral (GIORGIO, 2016, P. 82)

Já no lugar-pessoa, vou tecendo minhas considerações, sem deixar de lembrar Derrida quando este fala que ^não há nudez na ‘natureza’^ para associá-lo a dois manifestos escritos por furios@s (talvez eu me sobre esse conceito-corpo), já para, talvez, explicar porque me inscrevo como um gato-garota, pois embarçar as fronteiras do animal e do humano, ética e politicamente, também implica em suspeitar das fronteiras que o sujeito-Homem criou historicamente para mensurar e hierarquizar as divisas do que seria o feminino e o masculino numa perspectiva toda maquiada de ^naturalista^, que posta a nu, indicia uma história patriarcalista e falo-androcêntrica, absolutamente cultural e, por isso mesmo, artificial. Esse termo, ^gato-garota^, sempre me foi atribuído por uma amiga, também ela

gata-garota, muito conhecida por seu nome próprio nos estudos de gênero, Alô-mia (Abrantes)¹, que através do seu ronronantes rosnados e de seus textos-azunhados se ocupa de desestabilizar, numa pegada política-ética, uma história escrita sobre o mundo-coisa, como se esse fosse propriedade dessa figura Homem, que se arrogou o direito de jogar às margens da composição histórica os elementos do feminino.

Ainda fazendo uso da minha memória, há tempos, já miei, bem em cima dos muros, sobre o gesto-simbólico que para mim constitui o início dessa empresa chamada Homem. Em **2001**, **Uma odisseia no espaço** (1968), filme de Stanley Kubrick, quando o personagem-macaco se apropria de um objeto da natureza, um osso, e o transforma em arma.

Pausa. Máquina do tempo. Voltemos ao passado. Estamos agora em 2001. Esse nosso passado, que já foi presente e, principalmente, futuro. Já foi uma verdadeira odisséia do futuro. Não, esse não foi o tempo “brilhante” dos Jetsons, nem tampouco o apocalíptico mundo de Mad Max. Mas o tempo do super-hiper-extra-computador-Halgooo. Munido de sua I.A., Hal tinha sido programado para dar assistência técnica a uma nave de sondagem no espaço, em viagem exploratória a Júpiter, e também para amenizar a solidão de seus pilotos. Eles correm numa esfera ao som de Strauss. Eles jogam xadrez,

eles conversam. Hal assiste e se indaga. Provoca fissuras na narrativa. Uma delas nos leva ao tempo da barbárie. Ao tempo dos macacos. Não, esse não é o Planeta dos Macacos. É o nosso prefigurado por Kubrick. Em torno do monolito negro, os macacos brigam, se aniquilam e comem. Essa é a narrativa de nosso grande romance familiar. Os gorilas, nossos pais, criam o devir humano no momento em que faz das suas mãos, não o lugar para se fincar um objeto pontiagudo, seja ele de vidro ou de ferro, mas o lugar de posse da civilização. O gesto do macaco, tomando o tacape de osso por entre as mãos e brandindo-o aos céus é a nossa grande narrativa de origem. Devir-humano nas mãos do macaco. (NÓ-BREGA e SOUTO. 2013. Disponível em: <http://www.nucleotiresias.ufrn.br/> Anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero).

Assim, me associo a Michel de Certeau, quando na análise que empreende sobre a operação historiográfica e suas escritas da história, opera, num corte quase médico, quase psicopata-Dexter, portanto, semiótico, a disparidade e a artificialidade que a economia escriturística moderna, construída pelo Homem, trata os ^elementos naturais^:

Mas estes campos abertos à história não podem ser apenas objetos novos fornecidos a uma instituição imutável. A própria história entra nesta relação do discurso com as técnicas que o produzem. É preciso encarar como ela trata os elementos “naturais” para os transformar em um ambiente cultural, como faz aceder à

¹ Ver ABRANTES, Alômia. “Femini(ci)dade: a cidade, o feminino e o ambíguo (Parahyba, 1920)”. In: ANDRADE, Andreza (Org.). *Feminismo, Gênero e Sexualidade: Diálogos contemporâneos*. Mossoró: Edições UERN, 2016, v. 01, p. 154-173.



simbolização literária as transformações que se efetuam na relação de uma sociedade com a sua natureza. De resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das “neves eternas, o historiador faz outra coisa: faz deles a história. Artificializa a natureza. Participa do trabalho que transforma a natureza em ambiente e, assim modifica a natureza do homem. Suas técnicas o situam, precisamente, nesta articulação. Colocando-se ao nível desta prática, não mais se encontra a dicotomia que opõe o natural ao social, mas a conexão entre uma socialização da natureza e uma “naturalização” (ou materialização) das relações sociais. (CERTEAU, 2002, p. 46).

^Fazer história é uma prática^ - sentença Certeau, alertando para a dimensão lacunar, escriturística, ambígua e ambivalente que constitui toda discursividade que já é, ela mesma, outra prática-história. Claro que não parei por aí. Minha vontade-voraz de folhas escritas é a mesma que sinto sobre a ração química-manipulada vendida para os gatos (porque também sou da geração PET e já não me apetece sardinhas ou salmões, o artifício já está em mim, quimicamente elaborado) e por isso, acionei, arranhando, dois outros textos referências que tratam da artificialidade da ^natureza humana^, não por acaso, também manifestos, grávidos de feminismos, prenes de feministas.

Donna Haraway, em **Manifesto Ciborgue** (2013) coloca sua escrita-ensaio enquanto uma ironia-blasfêmia,

cujas intenções seria inaugurar/construir um mito político que fosse fiel ao feminismo/socialismo/materialismo, cuja figuração central seria a do ciborgue, enquanto estratégia retórica e método político, pois

A blasfêmia nos protege da maioria moral interna, ao mesmo tempo em que insiste na necessidade da comunidade. Blasfêmia não é apostasia. A ironia tem a ver com contradições que não se resolvem – ainda que dialeticamente – em totalidades mais amplas: ela tem a ver com o humo e o jogo sério (HARAWAY, 2013, p. 35).

Mas, lambendo minha patas e já pensando nos mecanismos tecnológicos que aciono no meu cotidiano, convido a Haraway a definir essa sua figura ciborgue:

O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica (HARAWAY, 2013, p. 36)

Segundo ela, os ciborgues seriam criaturas simultaneamente animais e máquinas, habitando mundos que são ambigualmente naturais e fabricados. Isso incidiria diretamente sobre o campo da sexualidade e das políticas de gênero, pois o sexo-ciborgue desvincula a reprodução orgânica da vida ao con-

vocar a complexidade replicativa das ^samambaias^ e dos ^invertebrados^; seres que podem ser compreendidos como uma ^profilaxia contra o heterossexismo^, essa perversão do biopoder inventada para encarcerar/aniquilar o feminino-animal que nos constitui.

No final do século XX, nesse nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. (HARAWAY, 2013, p. 37)

É preciso, pois, transformar. Transformar, inclusive, essa que se coloca como uma guerra fronteira (humano/animal; masculino/feminino; heterossexualidade/homossexualidade; superior/inferior; arte/ciência; etc/etc), atacando, com a força de uma manada-multidão, essa maneira de pensar/praticar o feminicídio em nome do artifício patriarcalista-hetero-androcêntrico. A guerra bem guerreada, segundo o Manifesto Ciborgue, é aquela que se faz em ^favor do prazer da confusão das fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção^ (p. 37), para que possa emergir aquela que é a intenção maior do manifesto: uma teoria e uma cultura socialista-fe-

minista, pós-moderna (o moderno seria falocêntrico), não naturalista, que institua uma tradição utópica de um mundo sem gênero, podendo vir a ser, também, um mundo sem gêneses e quiçá um mundo sem fim.

Paul (antes Beatriz) Preciado, no seu **Manifesto Contrassexual** (2014), muito inspirada por Derrida (que foi seu orientador no seu doutoramento) e outros filósofos demarcados no campo da filosofia desconstrutivista (da metafísica moderna) e das diferenças, traz em seu texto-manifesto uma linguagem corrosiva, cujo prefácio (na edição brasileira) produzido por outra furios@, Sam (antes Marie-Helène) Bourcier, que utiliza como epílogo uma frase da Donna Haraway (todos ficamos contagiados), traz a ^miadeira^ atribuída a Preciado quando diz ^o que Preciado faz com a filosofia se parece com o que o punk ou mesmo o rap fizeram com a música^ (p. 9), pois ao pensar os ^impensáveis do feminismo^, como os brinquedos sexuais, a prostituição, a sexualidade anal, as subculturas sexuais sadomasoquistas ou fetichistas, convoca a todos como ^os novos operários de uma possível revolução sexual^ (p. 14).

Esses acordes dis-sonantes é logo introduzido ao leitor, quando este, ao acessar seu texto-manifesto, encontra uma nota, mais do que explicativa, que parece ser a síntese dos seus argumentos: ^poderíamos dizer que um dildo



não é um ‘pinto de plástico’, e sim, em que pesem as aparências, um pinto é um dildo de carne[^] (PRECIADO, 2014, p. 19).

Já ponderando com meus bigodes-gato, trago para todos a definição de Preciado sobre [^]o que é a contrassexualidade?[^]:

A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é. Em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividade normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas (Judith Butler, 2001). Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual. No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. (PRECIADO, 2014, p. 21).

Assim, já me vendo-sentindo prótese cultural-artificial-histórica-falante, reafirmo meu lugar de sujeito-gato, aceitando a convocação de Preciado (que em muitos aspectos converge também para as proposições do **Manifesto Ciborgue**) para renunciar uma identidade sexual fechada e determinada [^]naturalmente[^] para dar densidade à minha

subjetividade de gato-garota.

Já comprometido com essas interpelações, eu-gato-Nihal ratifico alguns princípios (?) basilares do **Manifesto Contrassexual**, a saber: a proclamação da equivalência e não da igualdade de todos os corpos-sujeitos; que as práticas contrassexuais sejam sempre entendidas como tecnologias da resistência, como forma de contradisciplina sexual; que os elementos do sistema sexo/gênero sejam vivenciadas como tecnologia (de si), compreendendo suas práticas e identidades sexuais como Máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios... (PRECIADO, 2014, p. 22-23)

Todo esse norteador do Manifesto Contrassexual consistiria num golpeamento nuclear da noção de Natureza (Humana):

É hora de deixar de estudar e de descrever o sexo como parte da história natural das sociedades humanas. A ‘história da humanidade’ se beneficiaria se fosse rebatizada como ‘história das tecnologias’, sendo o sexo e o gênero dispositivos inscritos em um sistema tecnológico complexo. Essa ‘história das tecnologias’ mostra que ‘a Natureza Humana’ não é senão um efeito de negociação permanente das fronteiras entre humano e animal, corpo e máquina (Don-



na Haraway, 1995), mas também entre órgão e plástico (PRECIADO, 2014, p. 23).

Portanto, o sexo, tanto como órgãos quanto como prática, jamais poderia ser compreendido como um lugar do biológico nem como pulsão natural, sendo a própria natureza humana, essa que se colocou como superior aos ou-

tros vivos (animais, plantas, monstros, etc), efeito de uma tecnologia social que reproduziria ^nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade^ (p. 25).

Para Preciado é preciso sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, no que também complementaria sobre a escritura das espécies, pois quando el@ diz que já há uma tecnologia sexual operando na nomeação dos vivos (quando do seu nascimento-batizado), sejam elas Elisas ou Marianas, lembro bem da performance que me nomeou Nihal, pois apesar de apresentar um dildo de gato, Nihal é nome também de uma semi-elfa de Licia Troisi (escritora italiana da série Crônicas, Guerras e Lendas do Mundo Emerso, composta de nove livros) de quem foi pego de empréstimo uma personagem para me nomear, quando pensavam o meu ser-eu uma garota-gato, até que num ato de resistência, subverti essa técnica (de empréstimos, de apropriações) para me inscrever como gato-garota, pois já convocado tanto pela Haraway quanto pela Preciado, tomo como lugar de enunciação a máxima da última, já informada também pela primeira, quando afirma(m) ^A arquitetura do corpo é política^. E isso é válido para todas as espécies, especialmente para mim, esse gato-garota, essa pessoa-animal.

Nesses Manifestos me sinto subje-





tivado (é melhor não dizer representado, como se fala agora nas redes sociais, pois a representação conceitual e metafisicamente remete a uma historicidade epistêmica que essas furios@s desejam implodir).

In-formado por todas essas leituras, não aparo meus bigodes, tampouco minhas unhas/garras. Afora os dispositivos de linguagem que me apropriou daqueles teóricos que se sujam/entregam a língua à sua própria animalidade, não me rendo ao sistema, ao filé-simulacro de Matrix¹, ao show de Black Mirror² (também ele um alerta-crítica), porque sou pura derrisão, pelo todo assanhado, pelo cheio de nó, eno(j)ado, porque parte desse sistema que ora procuro circuitar, cicutar-envenenar, não me seduz mais do que me enoja, me contrai, mas também me aguerrilha, sem que isso necessariamente implique em me despir da pele de gato. O outro, um todo Outro, me incita, me faz enroscar, quando muito interessa a esse ^corpo-gato^, assumindo locações dos outros que me permitam uma saída do meu e a contemplação, porque não interpretação, com a multiplicidade (^das espécies^), ciente que estou dos muitos que em mim possam fazer emergir o próprio dos bons encontros³, naquilo que converge para potencializar e retroali-

mentar esse meu miar sobre e pela vida-existência, enquanto pessoa-animal.

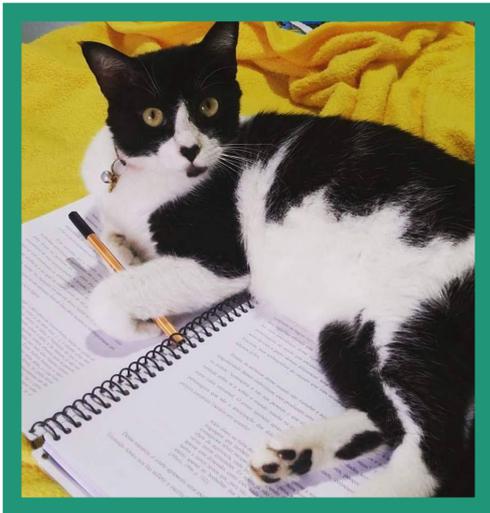
Às vezes, se faz necessário desacelerar, desterritorializar, mas não quando avisto, ao longe, aqueles tão diminutos peçonhentos que procuro atanzar. Assim, tenciono as minhas articulações, deixando meu ^corpo-gato^ teso, tenso, denso à espera do pulo, o pulo de um gato-garota. Por isso, manifesto, investid@ da leitura daqueles que pleiteiam a animalidade e a outridade radical para despotencializar e, quiçá, desestabilizar, com a ode falo-androcêntrica: que o signo Homem seja alquebrado e implodido em seu desejo de identidade reacionário para suspeitar da noção de ontologia e substituí-la com a noção de existência, como parte de uma vivência furios@ de estar.

Furios@ seria, em trocadilhos, o devir feminino que localizado num estado de tensão-conflito, estando num apocalipse zumbi ou não, possuindo a genitália atribuída ao feminino ou não, sendo matéria orgânica ou não, se converte em ^máquina de guerra^ (DELEUZE/GUATTARI) contra as múltiplas formas de captura/opressão/biopoder que pleiteia o aniquilamento dos femininos/feministas que habitam em todos nós, gatos-garota. Apesar do conceito de ^máquina de guerra^ proposto por Deleuze/Guattari como parte do capitalismo esquizofrênico consistir numa tecnologia do biopoder que procura se-

1 Ver **Matrix** (1999) produção cinematográfica estadunidense e australiana, dirigida pelas irmãs transgêneros Lilly Wachowski (nascida com o nome Andrew Paul "Andy" Wachowski) e Lana Wachowski (nascida com o nome Laurence "Larry" Wachowski).
2 Ver **Black Mirror**. Série de televisão britânica criada por Charlie Brooker (2011) e produzida pela Zeppotron para a Endemol. Atualmente faz parte do catálogo de séries da Empresa Netflix, que opera por *streaming*.

3 Ver DELEUZE, G. **Espinoza**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

dimentar os sujeitos em contraposição aos seus devires nômades, nesse texto, propomos uma outra apropriação, que já vislumbra, dentro desse mesmo sistema do biopoder, uma potência, também ela nômade, zoo-bio-política, para aquilatar e conferir densidade contemporânea ao termo furios@, proposto nessa textualidade. Assim sendo, trata-se de uma outra leitura, dobrada, como a lembrar das fugas conceituais possíveis por novas perspectivas tão sedutoramente convidadas pelos autores citados. As dobras e suas linhas de fuga, conceituais ou não, foram aceitas e refeitas. Miau.



NIHAL ANTÔNIO DE MEDEIROS NÓBREGA



MEU NOME É **ELISA MARIANA**, SOU UMA SERTANEJA PARAIBANA, PROFESSORA DE HISTÓRIA E AMANTE DA LITERATURA. SEMPRE QUE POSSO, ESTOU A PASSAR POR ENTRE PÁGINAS PARA DAR SENTIDO À MINHA VIDA E DOS MEUS AMORES E AMIGOS. ENTRE CACHORROS E GATOS, VIVO, TAMBÉM, ENTRE LINGUAGENS, APRENDENDO E ENSINANDO SOBRE A (IN)DOCILIDADE DAS PALAVRAS.

PARA SABER MAIS.
ADQUIRA A OBRA:

